

Um plano que não sai do papel

ELISA TECLES
DIEGO AMORIM
DA EQUIPE DO CORREIO

O Parque da Cidade faz parte do imaginário do brasileiro e de quem migrou para a capital nos últimos 30 anos. Não há quem não guarde lembranças do pedalinho, dos gansos do lago artificial, dos churrascos protegidos pelas sombras dos pinheiros ou do show de luzes e água da Praça das Fontes. A área de lazer, contudo, hoje sofre com os danos causados a algumas das estruturas de recreação.

Falta de manutenção e vandalismo agridem parte do equipamento previsto no plano original. A piscina de ondas, vedete por 20 anos, está desativada desde 1997. Com capacidade para 1,6 milhão de litros d'água, tinha ondas artificiais de até 1m de altura. Uma empresa alemã trouxe a tecnologia para modernizar a piscina. Nos últimos 11 anos, diversas promessas de reforma foram feitas, mas o local nunca voltou a funcionar. Pouco da estrutura atual poderá ser reaproveitado — algumas paredes estão quebradas e pichadas e o maquinário é antigo.

As churrasqueiras públicas ainda são usadas, mas muitas estão quebradas e não têm apoio para os espetos. O trenzinho também era sucesso entre as crianças. Deixou de circular porque estava disputando espaço com pedestres e ciclistas na pista de corrida, originalmente destinada ao veículo. "O contingente de pessoas é grande. Ele só poderia voltar a funcionar se houvesse outra pista. E poderia ser um veículo menos poluente, como um trem elétrico", disse a diretora do parque, Joseni Ferreira.

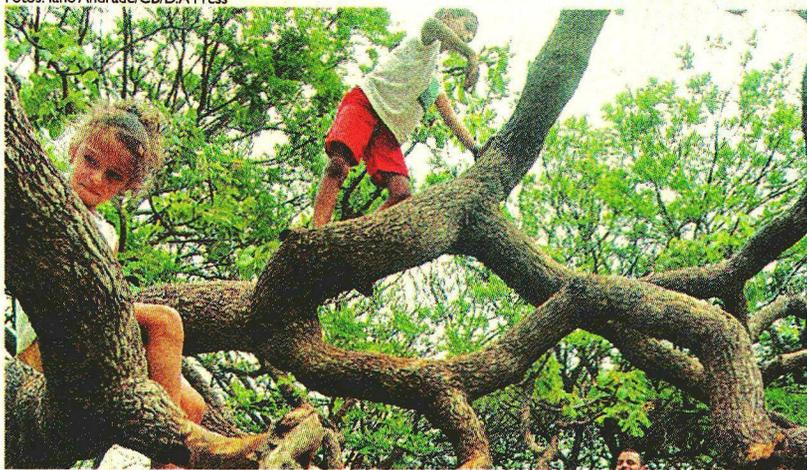
Frequêntador do parque desde o ano da inauguração, Antônio Nunes, 51 anos, recorda o tempo em que se refrescava na piscina de ondas e via os parquinhos em boas condições. "Isso aqui é como se fosse o pulmão de Brasília. Se não cuidarem, esse pulmão pode atrofiar. Sempre prometem melhorias, até fazem umas coisas, mas depois esquecem de novo", lamentou. Ele torce pelas melhorias da área verde para que o neto Alexandre, 3 anos, continue tendo um belo espaço para andar de patins.

As deficiências devem ser revertidas com a aplicação do Plano Diretor do Parque da Cidade, que foi revisto e será encaminhado para apreciação na Câmara Legislativa. O projeto inclui melhorias na acessibilidade de pessoas com necessidades especiais, define regras para ocupação do solo (evitando os puxadinhos em pontos comerciais), prevê a restauração do paisagismo de Burlle Marx e a recuperação das construções pensadas no projeto original. O plano limita a área de bares, restaurantes e lanchonetes a 500m², proíbe cercamentos (salvo por questões de segurança) e sugere mudanças na circulação de carros na pista principal, acessos e estacionamentos.

Antes do Plano Diretor ser definido, uma série de reformas deve melhorar a situação do parque. Este ano, cerca de R\$ 2 milhões foram destinados a obras. Os banheiros passaram por reforma e as quadras de futevôlei ganharam nova iluminação. Os próximos da lista são o parquinho Ana Lúcia, os playgrounds, as churrasqueiras, pista de skate e calçadas. O Ministério Público e o Tribunal de Justiça do DF determinaram a abertura de licitação para os 11 pontos explorados comercialmente, hoje mantidos por permissionários. Os primeiros da lista são os pedalinhos e duas lanchonetes.

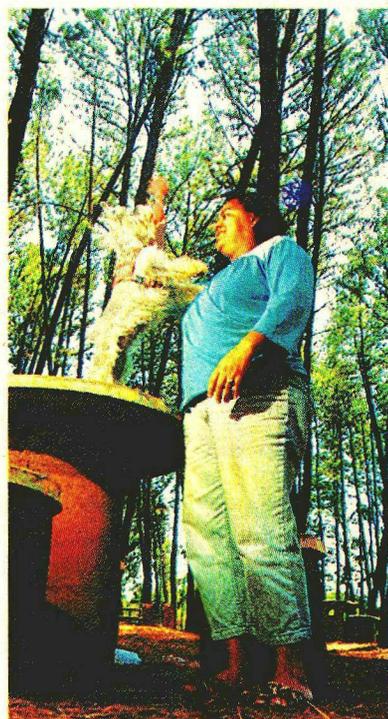
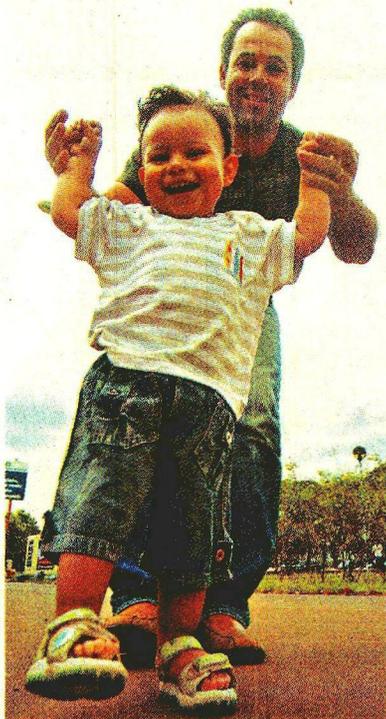
O parque e eles

Fotos: Iano Andrade/CB/D.A Press



ESPAÇO PARA CORRER

Tudo vira brincadeira para os irmãos Alison, 8 anos, Abigail, 7, e a caçula Amanda, 5. Vale subir em árvores, aproveitar os brinquedos ou fazer coisas mais simples. "Aqui a gente pode sair correndo", sugere Alison, serelepe. Na rua onde vivem, no Gama, não podem correr por conta do movimento de carros. Mais um motivo para a criançada adorar aquele lugar: O parque faz parte da vida desses meninos. E da do pai. "É igual a gente antigamente", lembra o vigilante Araújo Rodrigues, 40. Ele frequêntava o espaço, quando criança, ao lado dos cinco irmãos. Hoje, vê os filhos fazerem o mesmo enquanto espera a esposa sair do trabalho. Toda tarde, a família, que já é conhecida dos funcionários, se reúne ali. "Esses meninos quando vamos sair, falam logo: 'Eba, Parque da Cidade!!!'", conta o pai.

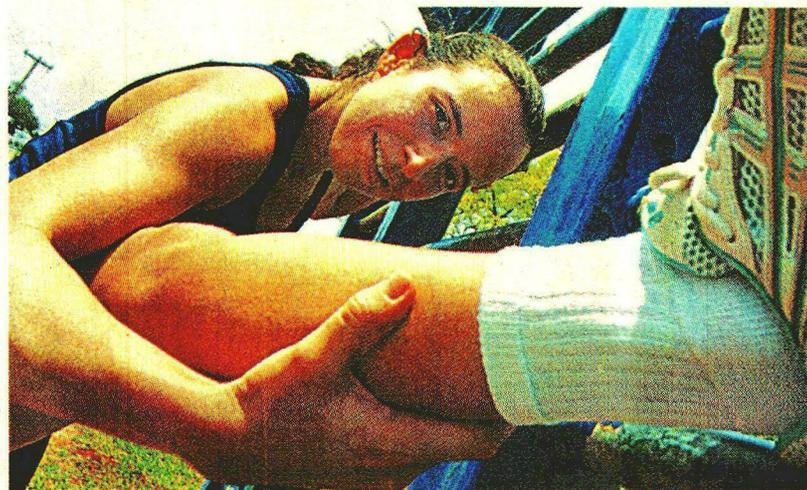


FILHÃO É A DESCULPA

Ele diz que vai ao parque quase todo dia por causa do filho Bruno, de um ano e nove meses. Mas é desculpa pura. O técnico em radiologia Marcelo Calazans, 36, acabou seduzido pelo sossego e pela liberdade do lugar. Entre 15h e 16h, durante a semana, pai e filho brincam sem pressa na pista de cooper e na área verde. É o tempo em que Marcelo curte o filho antes de buscar a esposa no trabalho e voltar para casa, em Vicente Pires. "A cabeça da gente sai zerada daqui. É bom para trabalhar no outro dia", recomenda ele, tentando controlar a euforia do menino. "Ele quer ver os 'cocós'", explica. Os 'cocós' são os gansos do lago artificial. "Isso aqui já é bom, mas com a criança fica melhor", afirma Marcelo, que frequênta o espaço desde 1996, quando chegou a Brasília vindo do interior de Minas Gerais.

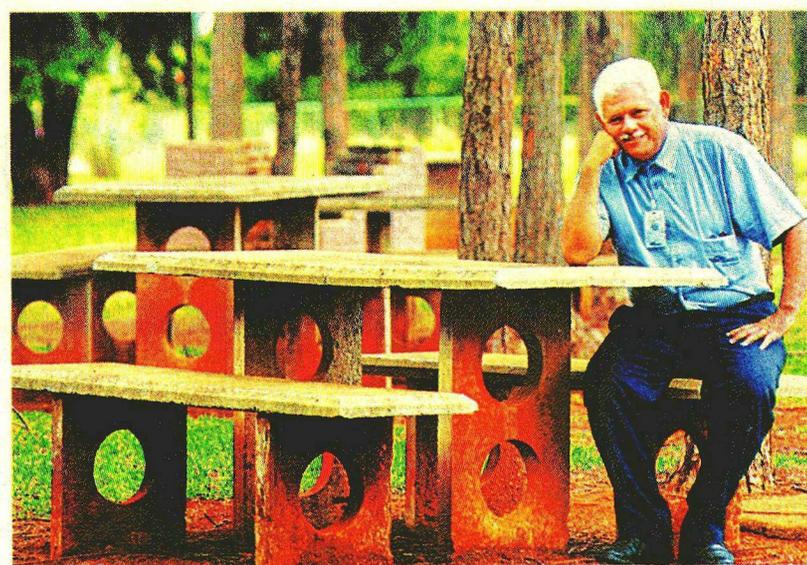
PARADA OBRIGATÓRIA

Ô, vida boa! Sossegada, sem muita preocupação. A técnica em informática Larissa Branco, 38 anos, descansa sob a sombra dos pinheiros no Parque da Cidade. É manhã de sexta. Ela saiu de Taguatinga, onde mora, antes das 8h para deixar a tia no trabalho, em um dos prédios de concreto da Esplanada dos Ministérios. Voltar para casa logo em seguida? Nem pensar. A parada no parque é obrigatória. Com o jornal sob o braço e, na coleira, a Duda, uma cachorra da raça schnauzer, ela salta do carro próximo à área das churrasqueiras e esquece do relógio. É assim todo dia, há dois anos e meio. "Se eu pudesse, pode ter certeza, montava minha casa no alto de uma dessas árvores", diz a mineira de Juiz de Fora, que, no parque, encontra "um cantinho mineiro".



UMA MULHER DE 30 ANOS

A bióloga Heidi Bessler tem a mesma idade do parque: 30 anos. Cresceu com ele e nele. Quanto tinha seus 6, 7 anos, ia ao parque com uma coleguinha da escola. Os pais as acompanhavam. Eles preparavam o churrasco embaixo dos pinheiros e elas ficavam perambulando. "Eu me recordo disso até hoje sempre que passo por lá", conta. O tempo passou, mas as visitas ao parque continuam. Heidi virou corredora. Participa do clube de corrida da academia onde malha e sempre que pode se inscreve nas maratonas da cidade. Para treinar, prefere o parque a qualquer outro lugar. E não é apenas pelo grande espaço — cerca de 400 hectares. O que a leva a correr ali é a paz que encontra. "Isso aqui funciona como um escape. Eu gosto muito", comenta, enquanto alonga o corpo ao fim de mais uma manhã de treino.



O MAIS ANTIGO SERVIDOR

Para todo lugar que Jorge Luiz de Souza, 56 anos, olhe no parque, ele verá uma paisagem conhecida ou um rosto amigo. O supervisor de vigilância é o funcionário mais antigo do local. Está lá desde 1986 e conhece cada detalhe. Dia sim, dia não, seu Jorge sai cedo de Luziânia, onde mora, e percorre todos os cantos do parque. "Aqui, aprendi a ter paciência e a lidar com as pessoas", comentou. As lembranças de seu Jorge remetem aos primeiros anos de vida do espaço. "O pessoal vinha mais para conversar, namorar. As pessoas estavam descobrindo o parque, não tinham esse hábito de correr na pista", lembrou. O lugar preferido do supervisor é a área das churrasqueiras, apesar de nunca ter feito um almoço por lá. "É bastante arborizado e fresquinho", define.